

DIACRONIA

UM BREVE OLHAR SOBRE A MAÇONARIA

Sérgio André Barros Melo Carvalho
prof.serjao@terra.com.br

O TEMPLO: BREVE HISTÓRIA

A Ordem dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão, mais conhecida como Templários, foi fundada em 1118, por Hughes de Payens e Geoffroi de Saint-Omer, dois nobres que renunciaram a todos os seus bens para viver na pobreza e servir a Deus como cônegos comuns. Começaram seu trabalho protegendo os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa, para visitar o Santo Sepulcro, os quais eram atacados no caminho pelos sarracenos. Depois, os Templários se tornaram banqueiros e agentes de crédito na Europa medieval e, por isso, foram grandes aliados de reis e papas, desempenhando um papel fundamental nas Cruzadas.

Neste mesmo ano (1118), certos nobres devotos e tementes a Deus, pertencentes à categoria dos cavaleiros, dedicados ao senhor, manifestaram o desejo de viver perpetuamente na pobreza, na castidade e na obediência. Nas mãos do patriarca, prestaram juramento de servir a Deus como cônegos comuns. Os principais e mais ilustres desses homens eram o venerável Hugues de Payens e Geoffroi de Saint-Omer. (Tiro, 1976, p. 524-5).

Do final da segunda década do século XII até o início do século XIV, a Ordem foi ficando mais rica e poderosa, crescendo e expandindo-se; porém, tanto poder e riqueza não poderiam continuar sem despertar a cobiça e a inveja de muitos.

Já no pontificado de Clemente V, marionete do rei de França – Filipe IV, o Belo -, começa a delinear-se o fim dos templários como ordem, pois Filipe queria a unificação do Templo com a ordem do Hospital, para fazer de um de seus filhos o Grão Mestre da nova super Ordem. Desejava também livre acesso aos recheados cofres das Ordens, principalmente ao do Templo.

Como Jacques de Molay, Grão Mestre do Templo, negou-se a consentir na fusão, Filipe utilizou-se do processo da Inquisição, para implicar os templários nos crimes ali previstos. Sofrendo tortura psicológica e física, todos os Templários que foram capturados confessaram os crimes mais execráveis possíveis, passando por um processo que, à luz do que entendemos hoje como justiça, seria inaceitável.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim que as capturas tivessem sido feitas, os senescais e beleguins reais – juntamente com forças locais auxiliares que os tivessem ajudado – deveriam – colocar as pessoas [isto é, os Templários presos] em isolamento sob um a guarda boa e segura, fazer uma investigação preliminar a respeito deles e então chamar os assistentes do inquisidor e examinar a verdade com cuidado, usando de tortura se necessário. (Burman, 1994, p. 197).

Em 10 de Janeiro de 1308, o papa emite uma bula ordenando a prisão de todos os Templários nos reinos da cristandade e o confisco de suas riquezas e propriedades, que deveriam passar a partir daquele momento ao controle papal.

O julgamento dos templários era o produto de uma luta desigual entre papa e rei. Nessa disputa de vontade, a aquiescência inicial de Clemente foi seguida por uma necessidade premente de expressar seu protesto contra a ação de Filipe. Em fevereiro de 1308, ele suspendeu os processos contra os Templários por parte da inquisição, e os irmãos aprisionados seriam involuntariamente colocados num limbo legal e teológico que duraria seis anos. (Burman, 1994, p. 201).

Era claro que o rei Filipe não deixaria que a situação continuasse pela eternidade. Ele tinha a necessidade de impor sua vontade, de atingir seus objetivos, principalmente o financeiro, e faz com que Clemente no Concílio de Viena torne pública a decisão da supressão da Ordem do Templo.

A supressão da Ordem do Templo foi votada com uma maioria de quatro quintos, apenas dois dias depois, numa reunião secreta do Concílio de Viena, a decisão foi tornada pública numa cerimônia de 3 de abril de 1312, quando a bula de supressão, *Vox in Excelso*, foi lida na presença de Clemente V – que foi ladeado por Filipe, o Belo como que para garantir que não houvesse mudanças de último minuto. (Burman, 1994, p. 209).

Jacques de Molay e Geoffroi de Charney negaram suas confissões, mas foram queimados vivos numa pequena ilha do rio Sena, em 18 de março de 1314, data em que se determina a supressão da Ordem do Templo.

DO TEMPLO À MAÇONARIA

Os ex-templários em Aragão tiveram dificuldades de mudar da rotina militar para a monástica. Alguns se evadiram dos mosteiros, abandonaram o hábito e retornaram ao mundo secular. Ou desiludidos pelo que tinha ocorrido, ou simplesmente liberados da estrita disciplina da Ordem, alguns ex-templários tornaram-se mercenários e se casaram. Em alguns casos, sugeriu-

DIACRONIA

se que as pensões pagas eram polpudas demais, permitindo-lhes levar uma vida indolente. (Read, 2001, p. 315).

Muitos seguidores escaparam de sofrer o processo e se dispersaram, como vimos na citação anterior. A História nos dá, como opção para a Ordem do Templo, a sua total supressão; mas sabemos que isso não corresponde à realidade. Existem organizações que se intitulam herdeiras do Templo, de suas tradições e de seus conhecimentos esotéricos. A Maçonaria é uma dessas herdeiras, como se pode aferir na definição abaixo, proposta por um apêndice da maçonaria conhecido como Ordem de Molay, grupo que congrega jovens instruídos e treinados para os fins de reposição dos quadros da Maçonaria.

A Maçonaria é uma instituição fraternal iniciática, composta por homens que congregam ideais construtivistas como a Fraternidade, a Igualdade e a Liberdade.

Na maçonaria exerce-se a caridade que é um dos seus princípios, seus ensinamentos são tradicionalmente transmitidos por meio de suas simbologias, alegorias e analogias. Sobre a sua origem temos uma grande discussão, alguns acreditam que a maçonaria descende das Sociedades Iniciáticas do Antigo Egito, outros dos Antigos Construtores Medievais, e tem alguns que reivindicam a origem aos Cavaleiros Templários (Pierre, 2005).

De acordo com a maioria das autoridades maçônicas, a maçonaria moderna (também chamada de maçonaria “especulativa”) teve seu primeiro registro com a fundação da primeira Grande Loja, em Londres, 1717 d.C. (Brasil, 2005).

Os símbolos de pertencimento, tão úteis aos Templários mesmo depois que estes foram jogados na clandestinidade, vieram incorporar-se à Maçonaria para identificar seus membros e lhes proporcionar acesso a muitos rituais.

A Maçonaria, que hoje se autodefine como sociedade discreta, até muito pouco tempo atrás era uma sociedade de caráter secreto. É politicamente influente em inúmeros países inclusive no Brasil, participando efetivamente de diversos eventos da nossa história e interferindo de forma clara no rumo de acontecimentos, que estão impregnados de seus conceitos e símbolos. A lista onde aparecem alguns brasileiros ilustres e historicamente influentes, ligados a Maçonaria, demonstra o poder político desta instituição.

Ademar de Barros – médico e político (Governador de Estado) Afonso Celso (Visconde de Ouro Preto) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada III - político (Presidente de Estado) Aristides Lobo - republicano histórico Azeredo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Coutinho – bispo, precursor da independência Benjamin Constant -militar professor e político (“o pai da República”) Campos Salles - presidente da República Deodoro da Fonseca - militar proclamador da República Esperidião Amin - político (Governador de Estado) Euzébio de Queiroz - político do 2o. Império Frei Caneca - patriota e revolucionário. Golbery do Couto e Silva - militar e ministro de Estado Hermes da Fonseca - presidente da República Jânio da Silva Quadros - presidente da República José Bonifácio de Andrada e Silva - “O Patriarca da Independência” Mário Covas - político (Governador de Estado) Newton Cardoso - político (Governador de Estado) Orestes Quércia -político (Governador de Estado) Pedro I - primeiro imperador do Brasil Rui Barbosa - jurista, tribuno e político. Washington Luis - Presidente da República Wenceslau Brás - Presidente da República. (site Lojas maçônicas, 2005).

O Brasil colônia já encontrou os maçons organizados e os embriões das Lojas se espalhavam por todo o território conquistado. Reconhecidamente foram articuladores de vários acontecimentos históricos importantes, como a Conjuração Baiana, a Conjuração do Rio de Janeiro, a Revolução Pernambucana de 1817, a Conjuração Mineira, a Independência do Brasil, etc.

Deixando seus sinais de pertencimento na arquitetura das cidades brasileiras, podemos analisar seu percurso ao adentrar no território, sendo de relevância observar que seguiram o caminho do ouro desde o porto de Paraty, passando pelo sul de Minas e, daí, para o norte, de onde se desviaram para Goiás. Até os dias de hoje podemos perceber a influência dessas Lojas mais antigas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destino dos remanescentes Templários é incerto até a contemporaneidade; entretanto, são vários os grupos que reivindicam sua herança.

Muitos pesquisadores sugerem que a Maçonaria, sem menosprezar o conhecimento de outras tradições, teria incorporado os remanescentes Templários e, por conseguinte, várias de suas práticas e parte de seu discurso, considerando a fundação da Loja em Londres, no dia 24 de junho de 1717, a data histórica de fundação da franco-maçonaria.

Como os Templários, os maçons têm uma simbologia e uma liturgia complexa e o seu relacionamento dentro das lojas está subordinado a uma intrincada hierarquia, tal qual a que existia no Templo. O

DIACRONIA

caráter secreto da maçonaria foi instituído como meio de proteção; visto que, no início, se ocultava das elites sociais contra as quais lutava, pois estas necessitariam persegui-la, inexoravelmente, se quisessem sobreviver. A necessidade de invisibilidade fez com que se criassem os diversos sinais de pertencimento, que proporcionavam segurança aos seus membros e que subsistem até os dias de hoje.

Não é simples coincidência o fato de que, apesar da crença de que não existem discussões políticas dentro das lojas, a historiografia brasileira e mundial está repleta de momentos em que a Maçonaria foi vanguardista e decisiva. Podemos citar sua atuação efetiva na Revolução Francesa e, no Brasil, como exemplos mais importantes dessa atuação, na Independência e na Proclamação da República, citamos os maçons Dom Pedro I, José Bonifácio de Andrada e Silva, Marechal Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, além de outros.

Os exemplos são do passado, mas continuaríamos a poder falar dessa interferência, caso houvesse tempo e espaço; pois a Maçonaria sempre estará podendo intervir no processo político das Nações, visto que é uma organização mundial.

BIBLIOGRAFIA

- BARBER, Malcolm. *The trial of the Templars*. Cambridge: CUP, 1978.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BARTHES, Roland. O discurso da história. **In:** —. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **In:** —. *Magia e técnica, arte e política*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1977.
- BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Trad. Paula Rosas. Rio de Janeiro: Record, 1994.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CÉSAR, Waldo; Mircea Eliade: Sagrado e Profano – Religiões e Existência Humana; artigo científico baseado no estudo O Sagrado e o Profano. Essência das Religiões; Lisboa, edição Livros do Brasil; coletânea de artigos por Francisco Cartaxo Rolim. Petrópolis: Vozes, 1997.

DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo: As Ordens Militares na Idade Média (Séculos XI – XVI)*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 170-176.

ECO, Umberto. *Pêndulo de Foucault*. Tradução Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GENNES, J.P. *Les Chevaliers du Saint – Sepulcre*. Paris, 1995.

GOUREVITCH, A. Y. O tempo como problema de história cultural. **In:** RICOEUR, P. e outros. *As culturas e o tempo*. São Paulo: Edusp, 1975.

LIMA, Adelino de Figueiredo. *Os Templários*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Divulgação do Livro, 1972.

MICHELET, V.E. *Le secret de la chevalerie*, 1930.

PASTOREAU, M. *Image, symbole*. Études D`Histoire et D`Anthropologie. Paris: Le Leopard D`Or, 1987.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **In:** —. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

READ, Piers Paul. *Os templários*. Tradução Marcos José da Cunha, Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Literatura e História: Convergência de Possíveis. **In:** BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi e outros. *Romance histórico: recorrências e transformações*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.

TIRO, Guilherme. *A History of deeds done beyond the sea*. Nova York: Octagon Books Two Vols, 1976.

TIRO, Guilherme; *Chronique, ed. crit.* Por R.B.C. Huygens 2 vols. Turnhout: Brepols, 1986.

VITRY, Jacques, *History of Jeruzalem*. Londres: Palestine Pilgrim's Text society, 1896.

DIACRONIA

SITES DA INTERNET

<http://www.guatimizin.org.brm/artigos/templar-part1.htm> **In:**
Guatimizin

<http://geocities.yahoo.com.br/capituloacp308/sub/maconaria.htm> **In:**
PIERRE, Capítulo Carlos Alexandre.

<http://www.logoshp.hpg.ig.com.br/m1.htm> **In:** CRISTÃ, Apologética.

<http://www.philantropia.hpg.ig.com.br/landmarks1.html> **In:** LOPES,
Irmão, Loja Philantropia do Sul.

<http://www.lojasmaconicas.com.br/macom/famousbr.htm> **In:** GODOY,
Volney da Rocha.

<http://www.edeus.org/port/MaconariaBR.htm> **In:** BACCI, Hermes.

<http://hgespuny.sites.uol.com.br/goldsquare/osgraus.htm> **In:** Grande O-
riente de São Paulo.

<http://www.clickbr.com.br/concordia/gob.html> **In:** Grande Oriente do
Brasil.